

Exige-se dramática flexibilidade

por Pedro Lobato
de Belo Horizonte

O principal executivo do Brasilinvest e vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria, Mário Garnero, acha que encontros como o de Caracas podem ter resultados positivos, mas não aconselharia ao Brasil abrir mão de seu peso específico nas negociações que terá de fazer, em relação à sua dívida. "A participação do Brasil numa reunião como essa pode ser favorável, mas cada um dos países devedores deve de maneira diferente e cada um tem

condições diferentes de negociação. Daí porque ninguém deve esperar a formação de uma "opep dos devedores", disse ele.

Garnero, que ontem teve audiência com o governador Tancredo Neves, em Belo Horizonte, para tratar de assuntos de interesse do Brasilinvest, disse à imprensa que a decisão de se recorrer ao "Clube de Paris" está de acordo com o que ele classifica de "hora de negociar e de se praticar uma dramática flexibilidade, tanto por parte do Brasil quanto por parte dos credores e das diversas ins-

tuições, aí incluindo o FMI".

ALÍVIO

Ele acha que essa negociação tornou-se indispensável porque "o Brasil precisa de um alívio para pagar o que deve, quer pagar e vai pagar, mas nós precisamos de tempo". Mas Garnero acha que essa necessidade de tempo não deve precipitar o País para uma moratória.

"Moratória", disse Garnero, "seria uma tragédia. Ela seria o extremo de se decretar a falência do País. Não há necessidade disso. O Brasil tem condições de

enfrentar a situação, negociando, trocando soluções e honrando seus débitos. Eu não gostaria de levar, para sempre, o estigma de ter sido o brasileiro que deixou de pagar suas dívidas internacionalmente".

ABERTOS

Garnero acredita que os banqueiros e as instituições internacionais, bem como os governos estrangeiros, estão abertos. "Acredito que se o Brasil se movimentar nos foros internacionais, ele terá uma renegociação. A moratória seria parar o País de imediato e isso eu não acho que seria a solução", disse ele.